



Devido ao recesso da colunista, estamos reeditando o observatório geral publicado na edição nº 737 de abril de 2011.

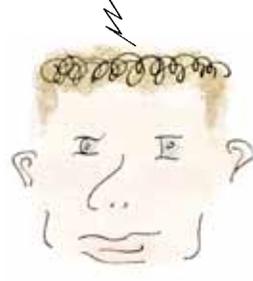
EM 1964, O PENSADOR MARSHALL MCLUHAN ES-CREVEU QUE O HOMEM ESTAVA IMERSO NUMA COMPLEXÍSSIMA REDE DE COMUNICAÇÃO.



ELE DISSE AINDA QUE AS TECNOLOGIAS ERAM EXTENSÕES DO CORPO E DA INTELIGÊNCIA HUMANAS.



PASSADOS QUASE 50 ANOS, A PRESENÇA DAS TECNOLOGIAS NA VIDA DO PLANETA LEVANTA DEBATES ENTRE OS NEUROCIENTISTAS.



ESTÁ EM DISCUSSÃO O IMPACTO DO EXCESSO DE INFORMAÇÃO SOBRE A CAPACIDADE DE MEMORIZAR, PROCESSAR E ELABORAR RACIOCÍNIOS MAIS COMPLEXOS.



OLHOS ABERTOS São 7:30 h. O despertador do *Blackberry* toca. Os olhos se abrem devagar enquanto as mãos se movimentam em direção ao *smartphone*. Com o alarme desligado, o próximo gesto é checar as mensagens. Primeiro, a caixa de *emails*, depois o SMS. Saciada a curiosidade, agora sim, é possível lavar o rosto, escovar os dentes e chegar até a mesa do café. Lá, os jornais já estão aguardando. A retina percorre as “*front pages*” dos três diários. As manchetes sugerem as páginas que devem ser abertas, mas os textos dos articulistas prediletos gritam mais fortes. Afinal, o telejornal da noite anterior já havia atualizado os principais temas. Os olhos abertos e a mente atenta registram os primeiros parágrafos. A caneta na mão rabisca as palavras e ideias mais interessantes. O cheiro do café bate forte na xícara, é hora de saborear o café com letras.

MENTE ATENTA Antes mesmo do banho, é preciso checar o *Facebook*, responder em poucas linhas as mensagens do mural e observar, com a rapidez de um leitor óptico, os “*posts*” da madrugada que passou. Ao redor da mesa de trabalho, instalada no quarto, livros brigam por espaço entre revistas e recortes de jornal. É hora de abrir o *notebook* e escrever algumas ideias que irão nortear o trabalho do dia, as reuniões da tarde ou os projetos futuros. Já são 9 horas e um bom banho vai ajudar a relaxar e colocar os pensamentos no lugar.

SUPERCONCENTRAÇÃO O fato é que tantas informações em tão pouco tempo demandam uma superconcentração. Caso contrário, podemos incorrer em erros que vão gerar problemas e até prejuízos. Na era da tecnologia da informação, vale mais a capacidade de observação e discernimento. Até porque notícias precisam ser filtradas e checadas. É fundamental separar o joio do trigo. Informação sem conhecimento fica restrita aos fatos. Os fatos de hoje não serão os mesmos de amanhã. Só através do conteúdo podemos discernir, criticar e construir ideias que valem a pena.

EXCESSO DE INFORMAÇÃO Informação sem massa crítica gera uma equação vazia. Não é por acaso que pesquisadores estão interessados em estudar as consequências cerebrais de um mundo saturado de dados. Matéria escrita por Bernardo Esteves e publicada na *Ilustrada*, da Folha de S. Paulo (27/03/2011), analisa as ideias de diversos estudiosos do assunto. O jornalista Nicholas Carr, por exemplo, que acabou de lançar o livro “*The Shallows – What the Internet is Doing to our Brains*”, critica os impactos negativos do excesso de informação oferecido pela internet. Segundo ele, a incapacidade de reter as informações gera pensamentos rasos.

APRENDIZADO Na interpretação de Nicholas Carr “(...) a rede está mudando para pior a forma como pensamos e a própria estrutura do nosso cérebro... Estamos nos tornando incapazes de articular raciocínios mais complexos”. Porém, o neurocientista Roberto Lent, da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que o aumento da atividade cerebral não chega a representar uma surpresa, já que o uso da *web* envolve atenção, aprendizagem, memória e tomada de decisão, atividades que acarretam mudanças anatômicas no cérebro. O professor vai mais longe e diz que as mudanças no cérebro não são privilégio da internet e acontecem com qualquer processo de aprendizagem.

PENSAMENTO CRÍTICO Sobre o assunto, outro neurocientista, o professor Martín Cammarota, do Centro de Memória da PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, entende que o processo de aprendizagem, qualquer que seja – aprender a dirigir, montar a cavalo ou fazer café –, ativa áreas do cérebro que não estavam sendo ativadas. Contudo, o que está em jogo neste debate é a capacidade de análise, reflexão e pensamento crítico.

CONCENTRAÇÃO De qualquer modo, a memorização de uma informação depende da atenção dedicada a ela no momento da aquisição. No caso da internet, a multiplicidade de estímulos não favorece a concentração. A neurocientista Suzana Herculano-Houzel explica que “(...) não temos hardware necessário para processar simultaneamente tantas solicitações paralelas... Só conseguimos prestar atenção em uma coisa de cada vez, por uma limitação intrínseca ao cérebro... E isso não é exatamente uma ameaça ao nosso sistema cognitivo... Estamos sempre fazendo esse processo de filtragem e seleção daquilo em que vamos prestar atenção, com ou sem computador”.

FORMA X CONTEÚDO Tanto o psicólogo evolutivo da Universidade de Harvard, o canadense Steven Pinker, quanto o neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro, entendem que a rede é um ambiente rico, mas gera angústia, ansiedade e muitas decisões apressadas porque o tempo de reflexão está diminuindo. Tudo indica que a raiz desta discussão não está nos meios de informação ou na tecnologia disponível. O problema está na maneira como cada um de nós se apropria dos dados disponíveis. Aqui vale lembrar a análise do professor Martín Cammarota, que diz que o mal está na supervalorização da forma em detrimento do conteúdo. Ele conclui que: “(...) se você vai ao Google fazer uma pesquisa e se contenta com a leitura de um verbete da Wikipedia, em vez de ir a uma biblioteca, o problema é seu e não da internet”.